

Livro de Resumos



1º Seminário Internacional

arquitecturas da alma

A Construção do Ermo dentro e fora da Cidade

16 de Novembro | 09h00
Aud. C103
ISCTE-IUL

Organização



Comissão organizadora

Paula André (DINÂMIA'CET – ISCTE-IUL)
João Luís Inglês Fontes (IEM - NOVA FCSH; CEHR-UCP)
Paulo Simões Rodrigues (CHAIA-UÉvora)
Rolando Volzone (DINÂMIA'CET – ISCTE-IUL)

Comissão Científica

Alexandra Paio (ISTAR – ISCTE-IUL)
António Camões Gouveia (FCSH/UNL-CHAM/NOVA; CEHR-UCP)
Aurora Carapinha (CHAIA – UÉvora)
João Luís Inglês Fontes (IEM - NOVA FCSH; CEHR-UCP)
José Saldanha (DINÂMIA'CET – ISCTE-IUL)
Maria Filomena Andrade (U. Aberta; CEHR-UCP; IEM - NOVA FCSH)
Paula André (DINÂMIA'CET – ISCTE-IUL)
Paulo Simões Rodrigues (CHAIA – UÉvora)
Rolando Volzone (DINÂMIA'CET – ISCTE-IUL)

María del Mar Graña Cid

Professora do Departamento de Sagrada Escritura e História da Igreja, onde ensina História da Igreja Medieval. Desde 1990, combina o seu trabalho individual com pesquisa em equipe. Atualmente coordena o grupo de pesquisa inter-faculdades História da Igreja e Espiritualidade, sendo a investigadora principal no projeto interdisciplinar *Visões do Céu: espiritualidade, política e cultura*. Tem participado em vários projetos de pesquisa de âmbito internacional financiados pelo Ministério da Economia e Competitividade. Investigador Associado do Institut de Recerca en Cultures Medievales (IRCVM) da Universitat de Barcelona. Membro da Comissão para a Documentação Histórica da Fundación Escuela Superior de Estudios Franciscanos, com a qual trabalha na compilação e edição das fontes franciscanas espanholas do século XIII. Membro do Comitê Científico do Dicionário biográfico franciscano de Espanha, Portugal, América Latina e Filipinas.

Emparedadas y beatas: topografías de la espiritualidad femenina en la ciudad medieval

Las dedicaciones femeninas no regladas a la espiritualidad, incluidas por la historiografía en el denominado “movimiento religioso femenino”, una importante movilización de mujeres que se dejó ver y sentir en la Europa medieval, han dejado un rastro escrito escaso o, al menos, muy selectivo. Esta carencia de fuentes hace necesarios los acercamientos temáticos y metodológicos diversificados. En esta ocasión valoraremos la importancia del análisis topográfico como destacada herramienta de comprensión de lo que fue un fenómeno sociorreligioso y urbanístico característico de las ciudades de la Baja Edad Media. Vamos a centrar el estudio en la ciudad de Córdoba entre los siglos XIII y XV. Se dio aquí un importante desarrollo de la espiritualidad femenina “informal”, plasmada en dos manifestaciones fundamentales: emparedadas o reclusas y beatas, concepto en el que también incluimos a las terciarias mendicantes. Hubo dos grandes etapas, claramente delimitadas: la restauración de la vida cristiana tras la reconquista de la ciudad, especialmente durante el siglo XIII, y las reformas, sobre todo desde el último tercio del siglo XIV.

Nuestro análisis se centrará en el estudio del mapa y se desarrollará a partir suyo. En él situaremos los enclaves religiosos femeninos conocidos intentando valorar las características de los mismos –contenidos carismáticos, formas de vida, perfil sociológico, función sociorreligiosa, impacto sobre la ciudad...- y su evolución. Igualmente, valoraremos lo que el análisis topográfico indica respecto a su relación con los espacios de la espiritualidad reglada, tanto los monasterios femeninos como los monasterios y conventos masculinos.

João Luís Inglês Fontes

Nasceu em 1971 em Maceira, Torres Vedras. Doutor em História Medieval (2012) pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, com uma dissertação intitulada “Da Pobre Vida à Congregação da Serra de Ossa. Génese e institucionalização de uma experiência eremítica (1366-1510)”. Membro do Instituto de Estudos Medievais da mesma Faculdade, do qual é atualmente Subdiretor, e do Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa. Bolseiro de Pós-Doutoramento pela Fundação para a Ciência e Tecnologia, com o projeto “O deserto na cidade: experiências religiosas femininas em Portugal nos finais da Idade Média (1350-1525)”. Participa atualmente nos projetos “Paisajes espirituales. Modelos de aproximación espacial a las transformaciones de la religiosidad femenina medieval en los Reinos Peninsulares (ss .XII-XVI)” (HAR2014-52198- P), coordenado pela Prof. Blanca Gari de Aguilera, e “Les mots de l’impôt dans l’Occident méditerranéen: glossaire de fiscalité médiévale”, coordenado por Denis Menjot. Atuais interesses de investigação: Eremitismo, Espiritualidade Laical, Literatura Hagiográfica, Cultura e Piedade Cortesãs e Nobiliárquicas, Elites Sociais, Geografia e Património das Instituições Religiosas, Rituais e Culto Litúrgico, História da Espiritualidade, História das Mulheres.

Entre o ermo e a cidade: homens e mulheres da pobre vida em Portugal nos finais da Idade Média

A opção pelo ermo, aliada a uma vida pobre e austera, perpassa a maioria dos movimentos que, nos finais da Idade Média, pugnam por uma renovação da vida religiosa, tanto dentro das ordens já existentes como fora delas. Aos conventos criados ou reformados nas observâncias mendicantes aliam-se esses pequenos grupos, ditos da pobre vida, que, sem se sujeitarem a uma Regra aprovada pela Igreja e fora do enquadramento regular, se multiplicam, tanto nos termos dos núcleos urbanos como no seu interior.

documentados a partir de meados do século XIV, multiplicam-se rapidamente por tudo o vasto “Além Tejo”, atingindo o Algarve e as terras estremenhas. Perceber as suas motivações, lógicas de implantação e de expansão mas também os seus percursos de gradual institucionalização é o intento desta comunicação, a partir sobretudo do que nos é dado conhecer pela documentação escrita que chegou até nós produzida ou relacionada com estes grupos.

Ana Paula Figueiredo

Doutora (2009) e Mestre (2000) em Arte, Património e Restauro pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, com especialidade na área da arquitetura religiosa e na Cripto-história da Arte, com dissertações sobre a Real Província de Nossa Senhora da Conceição (2009) e As Capelas da Sé de Lisboa, Abordagem Cripto-histórica (2000). Técnica do SIPA (Sistema de Informação para o Património Arquitetónico), na Direção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais (DGEMN, 2000-2007), do Instituto da Habitação e Reabilitação Urbana (IHRU, 2007-2015) e Direção-Geral do Património Cultural (DGPC, desde 2015), com atividade na área de inventariação do Património Arquitetónico dos distritos de Guarda, Viseu e Castelo Branco, de gestão dos acordos com a Conferência Episcopal Portuguesa e várias Dioceses, integração na equipa de criação de um Tesouro para o Património Arquitetónico; criação de normas de inventário. Ações de formação sobre a História do Azulejo e da Cerâmica no Museu Nacional do Azulejo e na Escola das Artes e Ofícios Tradicionais Portugueses de Lisboa. Algumas publicações sobre património arquitetónico e património integrado religioso.

O papel dos Ermitérios da Observância Franciscana na Real Província da Conceição ao longo do século XVIII

A Real Província da Conceição foi criada em 1705, separando-se da vastíssima Província de Santo António e desenvolveu atividade pouco mais de 100 anos, com a extinção em 1834. Herdou dos capuchos antoninos doze cenóbios, destacando-se, no conjunto, os primeiros conventos da Observância fundados em Portugal, todos eles em locais inóspitos e que se viriam a tornar ermitérios ao longo dos séculos 16 e 17, com a fundação de novas casas nas imediações dos núcleos urbanos mais próximos. São eles Santa Maria de Mosteiró (1392), Nossa Senhora da Ínsua (1392) e São Francisco do Monte (1392), tendo surgido posteriormente o de São Francisco de Orgens (1407). Viria a construir, até perfazer as vinte casas estipuladas, o de Vila Cova de Alva (1713), a que se sucederam as edificações dos Hospícios e posteriores Conventos de Santo António de Pinhel (1727), Nossa Senhora da Conceição de Melgaço (1748), Nossa Senhora da Glória e São Bento de Monção (1748), São José de São Pedro do Sul (1751), surgindo a última num local, ainda hoje inóspito, situado no concelho de Ferreira de Aves, o Convento de Santo Cristo da Fraga (1752). Estes pequenos ermitérios viriam a ser os bastiões do espírito eremítico, de contemplação e ascese, destinado apenas aos frades mais experientes e com relevantes provas de vivência no ideal franciscano, sendo o melhor exemplo desta atividade restrita os relatos da Crónica de Frei Pedro de Jesus Maria José, publicada em 1760 e de que existe um manuscrito preparatório na Biblioteca Pública do Porto, onde os assimila ao Deserto Carmelita que continua a ser a grande referência.

Aurora Carapinha

Arquitecta Paisagista. Desde 1995 é doutorada em Artes e Técnicas da Paisagem pela Universidade de Évora, onde é professora auxiliar do Departamento de Paisagem, Ambiente e Ordenamento. Directora do curso de Doutoramento de Arquitectura Paisagista da Universidade de Évora. Investigadora do Centro de História de Arte de Investigação Artística onde coordena, dois projectos de investigação sobre “O conceito de paisagem na Cultura portuguesa” e sobre “A transformação da Paisagem em Portugal nos últimos sessenta anos” integrados na linha de investigação de Paisagem e Estética da Paisagem. Desde 1996 é docente convidada do Curso de Especialização em Conservação e Restauração de Monumentos e Conjuntos Históricos (CECRE) na Universidade Federal da Baía, Salvador, Brasil. De 2003 a 2005 foi Membro do Conselho Consultivo do IPPAR. Foi consultora dos estudos “Contributos para a Identificação e Caracterização da Paisagem em Portugal Continental” e “Caracterização da Paisagem de Óbidos” desenvolvidos pelo Departamento de Planeamento Biofísico e Paisagístico da Universidade de Évora de acordo com os protocolos assinados entre a Universidade de Évora e DGOTDU e a Câmara de Óbidos.

A alma da paisagem / Paisagem da alma

Uma imersão na literatura, e centraremos essa imersão na literatura portuguesa, revelamos que alma e paisagem se interligam e relacionam há muito. Centraremos a nossa atenção num dos textos de Fernando Pessoa do Cancioneiro onde poeta explora este vínculo entre paisagem e alma. Pessoa define nesse texto paisagem como: (...) tudo o que forma o mundo exterior num determinado momento da nossa percepção. Anteriormente já havia chamado a nossa atenção para o facto que qualquer estado de alma é determinado pela impressão que nasce da apreensão que os nossos sentidos captam do mundo que nos é exterior, ou melhor que é exterior à actividade mental. Interessa-nos, pois, explorar quais são os atributos da paisagem física - a alma da paisagem - que estimulam determinado estado de alma. No caso presente que determinam o surgimento de uma paisagem de oração, de meditação de afastamento de um tempo profano. Partiremos para esta exploração a partir dos componentes etéreos da paisagem definidos por Nuno Mendoça e da poética de Gaston Bachelard.

Rolando Volzone

Rolando Volzone (Salerno, Itália 1987) é arquiteto formado pela Università degli Studi di Roma – La Sapienza em 2013. Após ter frequentado o último ano de mestrado em Lisboa através do programa de mobilidade Erasmus (Universidade Lusíada de Lisboa, 2012), teve algumas colaborações significativas em áreas como a Arquitetura, Comunicação Gráfica e Arquitectura Paisagista. É bolseiro de investigação no DINÂMIA'CET do ISCTE-IUL e aluno de PhD do programa em Arquitetura dos Territórios Metropolitanos Contemporâneos da mesma instituição. A sua investigação, financiada pela FCT (SFRH/BD/111796/2015), com início em Outubro de 2015, aborda o tema “Arquiteturas da Alma. Proposta de Valorização da Arquitetura e Paisagem Eremítica no Alentejo dos séculos XII-XVI”. Em 2017 tem apresentado alguns resultados do seu projeto doutoral em seminários e conferências em Portugal.

Os ermos da Congregação da Serra de Ossa (dentro e fora da cidade)

A Congregação da Serra de Ossa constitui-se em 1482 com origem no movimento dos homens da “pobre vida” documentado a partir de 1366. Em 1578 o Papa Gregório XIII aprova-a definitivamente como Ordem com o título de Eremitas de São Paulo. O carácter eremítico destes religiosos leva-os, desde o final do século XIV e por todo o século XV, a procurar locais isolados para a implantação das próprias casas - os eremitérios. Após a aprovação da Ordem, especialmente nas primeiras duas décadas do século XVII, assistimos à movimentação de algumas comunidades para áreas adjacentes aos núcleos urbanos: o ermo materializa-se em formas monástico-conventuais. Finalmente, em 1647, a fundação do Mosteiro do Santíssimo Sacramento testemunha a passagem da cabeça da Congregação de um contexto rural para o núcleo urbano de Lisboa.

Neste âmbito, será analisada a espacialidade de três das fundações da Congregação, consideradas paradigmáticas quanto à evolução do enquadramento territorial da sua implantação (rural, de rural a urbana, urbana): o Mosteiro de São Paulo da Serra de Ossa localizado na Serra homónima, cabeça da Congregação até 1647; o Mosteiro de Nossa Senhora do Socorro de Portel (cuja origem é o eremitério de Água das Infantes), emblemático da mudança de um enquadramento rural para um urbano; e o Mosteiro do Santíssimo Sacramento de Lisboa, na atual Calçada do Combro, que se tornaria a nova cabeça da Congregação desde 1647 até à sua extinção em 1834.

Marta Sequeira

(Lisboa, 1977) Arquitecta, investigadora e curadora. Desde 2008 é Professora Auxiliar da Universidade de Évora – tendo dirigido o seu departamento de arquitectura entre 2011 e 2012 – e desde 2016 é Professora Auxiliar Convidada da Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa (FAUL). É Licenciada em Arquitectura pela Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa (2001) e Doutorada em Projectos Arquitectónicos pela Escola Técnica Superior de Arquitectura de Barcelona da Universidade Politécnica da Catalunha (2008). Encontra-se neste momento a realizar a sua investigação de pós-doutoramento, sediada no Centro de Investigação em Arquitectura Urbanismo e Design da FAUL. É autora de textos publicados em Portugal, Espanha, Inglaterra, Alemanha, Lituânia, Colômbia, Brasil, Argentina e Estados Unidos da América. Destaca-se *Towards a public space. Le Corbusier and the Greco-Latin tradition in the modern city*, publicado pela editora multinacional britânica Routledge. Ganhou, com a investigação apresentada neste livro, o *Prix de la Recherche Patiente 2016* – o mais prestigioso prémio internacional sobre estudos corbusianos, outorgado anualmente pela Fundação Le Corbusier.

Cartuxas revisitadas – no encaço de Le Corbusier

Le Corbusier proclama um mosteiro como a origem da sua habitação colectiva. Refere-se a uma cartuxa em Galluzzo, nos arredores da cidade de Florença, chamada Cartuxa do Vale de Ema: um mosteiro que havia sido fundado em 1342 por Niccolò Acciaiuoli e que Le Corbusier visita durante as suas viagens iniciáticas pelo mundo da arquitectura e das artes decorativas – em 1907 e 1911. De facto, e do ponto de vista formal, vários críticos e historiadores têm vindo a fazer referência a uma analogia entre a habitação colectiva corbusiana e a Cartuxa de Florença. No entanto, uma análise dos documentos constantes nos Arquivos da Fundação Le Corbusier permite verificar que o conhecimento de Le Corbusier sobre a Ordem Cartusiana não se baseia apenas na experiência de um mosteiro em particular, mas num conjunto alargado de exemplares. Nesta intervenção propõe-se então precisamente uma expedição que inclui estas menos conhecidas «cartuxas de Le Corbusier», ou seja, uma incursão por este conjunto estendido de exemplares, que pode considerar-se, à luz da visão de Le Corbusier, o étimo da habitação colectiva moderna.

Bernardo Pizarro Miranda

Bernardo Pizarro Miranda desenvolve estudos de arquitectura na Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa (licenciatura em Arquitectura em 1987) e um programa de pós-graduação na Escola Técnica de Arquitectura da Universidade Politécnica de Barcelona (1989 - 1990). Professor, desde o ano de 2001, do curso de Arquitectura do ISCTE-IUL, leccionando nas áreas científicas do projecto e das tecnologias. Doutorado em 2014 pela Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, na área da Arquitectura, com o tema “Arquitectura e liturgia. Do lugar da liturgia à liturgia como lugar”. Colabora com Raul Hestnes Ferreira de 1990 a 1996 na realização dos projectos para o complexo de edifícios do ISCTE-IUL, Instituto Universitário de Lisboa. Estabelece em 1996, em Lisboa, o seu escritório, desenvolvendo projectos nos domínios da arquitectura, do restauro e da reabilitação de edifícios. De entre os trabalhos desenvolvidos, releva-se a coordenação editorial do livro e exposição ‘Raúl Hestnes Ferreira. Arquitectura e universidade’, o primeiro prémio no concurso internacional European: “Suburban challenge, urban intensity and housing diversity”, com uma proposta para a frente ribeirinha do Montijo, o primeiro prémio em 2012 no concurso ‘Desafios Urbanos’, com uma intervenção no centro histórico do Porto, o projecto para um complexo residencial no centro histórico de Vila Nova de Gaia, a reabilitação de um quarteirão urbano em Tinalhas – Castelo Branco e o projecto da ermida do ‘Cristo do Silêncio’, em Palmela.

A ermida do Cristo do Silêncio

Em 2005 a encomenda de um projecto de arquitectura confrontava-nos com a necessidade de transformar um antigo posto de transformação de energia, desactivado, a um espaço de contemplação e silêncio, aberto à comunidade local e de apoio à dinâmica pastoral da comunidade religiosa feminina das Escravas do Sagrado Coração de Jesus, localizada na Quinta de Santo António, em Palmela. Um volume paralelepípedo com 25 metros quadrados de área e uma altura interior de quatro metros constituiu o suporte e oportunidade de regeneração de um espaço desvitalizado. Procurámos nas propostas de reforma firmadas no Concílio Vaticano II a forma envolvente e unificada de um banco desenhado em torno de um vazio de presença, circunstancialmente ocupado pela Mesa do Altar. O novo espaço, interior, pontuado por uma imagem iconográfica, procura no despojamento e no silêncio interior a ressonância da criação em processo. O exterior, reconfigurado, resguarda na sua condição de espaço privado o desígnio de um novo tempo. Propôs-se a reorganização espacial interior da primitiva área técnica, filtrando a luz exterior e revestindo as paredes de branco. Um banco em madeira de riga abraça o espaço, convocando a identidade de uma comunidade reunida em torno de um altar. No exterior, uma estrutura metálica de ferro e arame zincado conduziram o revestimento final em planta trepadeira caduca, caracterizando o volume primitivo. O revestimento final, exterior, em vinha virgem, procura no ciclo das estações e na metáfora bíblica do “Vinhateiro” a dimensão universal da Igreja.

Victor Mestre

Arquitecto (ESBAL, 1981). Mestre (Universidade de Évora, 1997). DEA (Universidade de Sevilha, 2005). Doutorando (Universidade de Coimbra, desde 2011). Arquitecto da Direcção Regional de Monumentos de Lisboa (1994-2000) e Director do Gabinete de Salvaguarda do Património da Direcção-Geral de Edifícios e Monumentos Nacionais (2000-2003).

Sofia Aleixo

Arquitecta (FAUTL, 1991). Provas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica (Universidade de Évora, 2007). Doutorada em Architectural Rehabilitation (Oxford Brookes University, Oxford, Inglaterra, 2016). Docente na Licenciatura em Design (IADE, 1996-2000) e no Mestrado Integrado em Arquitectura (Universidade de Évora, desde 2002). Directora do Gabinete Técnico de Belver (Câmara Municipal de Gavião, 1999-2001).

Reconstruir a alma dos Conventos de Alferrara

O interesse pelos valores materiais e imateriais inseridos e percebidos na paisagem cultural de Alferrara foi determinante na definição de metodologias de intervenção no património conventual ali erguido. Integrada esta comunicação no Painel dedicado à “salvaguarda e a criação de (novas) materialidades”, nesta comunicação serão apresentadas as opções éticas e metodológicas nas intervenções de conservação e restauro no Convento dos Capuchos, no Convento dos Paulistas, e nas pequenas edificações que fazem parte integrante deste conjunto monástico erguido no sítio de Alferrara.

Stefano Bertocci

Professor Associado do Dipartimento di Architettura – disegno, storia, progetto - da Universidade de Florença, é Professor de Rilievo dell'Architettura desde 1999 na Faculdade de Arquitetura, na Escola de Especialização em Beni architettonici e del Paesaggio, e no Curso de Doutoramento em Rilievo e Rappresentazione dell'Architettura e dell'Ambiente da mesma universidade. Coordena numerosos projetos de investigação nacionais e internacionais, entre os quais estão: participação no projeto "Petra Medieval", arqueologia das ocupações da Era Cruzada-Aiúbida na Transjordânia (Jordânia), levantamento arqueológico da muralha de lasos em Caria (Turquia), "Projeto Michelangelo" para o levantamento e modelação 3D da arquitetura de Michelangelo em Florença, a documentação do Barrio Vista Alegre e do Castillo del Morro em Santiago de Cuba, o projeto "Arquitetura de madeira em Karelia" para a documentação da arquitetura da madeira (Rússia).

Architetture eremitiche dell'Appennino Toscano: la documentazione digitale come strumento di conoscenza e di conservazione dell'immagine del Patrimonio.

Il crinale dell'Appennino Tosco-romagnolo si presentava nel medioevo come luogo ideale per la costituzione di una sorta di nuova Tebaide in concomitanza con le numerose spinte riformatrici della vita religiosa che si svilupparono nei primi secoli del secondo millennio. Questa area geografica montuosa, frequentata sino dall'antichità dai percorsi di collegamento fra le opposte coste della penisola italiana, quella adriatica da Est e quella tirrenica ad Ovest, accoglieva numerosi insediamenti che andarono mano a mano spopolandosi nel medioevo a favore di insediamenti pedemontani e collinari, fenomeno favorito anche dal ripopolamento dovuto alla colonizzazione delle aree pianeggianti e lacustri dell'Italia centrale, dovuto alle numerose operazioni di bonifica che si svilupparono in più fasi dal medioevo all'età moderna. Numerose opere d'arte fra tardo medioevo e rinascimento illustrano la Tebaide mostrandoci forme di vita religiosa e tipologie di insediamento degli eremiti nel contesto del deserto montano tipico dei crinali appenninici. Con un nutrito gruppo di ricerca dell'Università di Firenze ci siamo dedicati da oltre un decennio allo studio degli insediamenti eremitici e monastici dell'Appennino focalizzando l'attenzione sugli aspetti architettonici, artistici ed ambientali di queste tipologie di architetture che, in alcuni casi, hanno posto le basi per lo sviluppo di grandi complessi religiosi, la cui permanenza e sviluppo nel tempo, che costituiscono ancor oggi complessi monumentali di forte richiamo religioso e turistico. In questo articolo tratteremo brevemente dei risultati ottenuti nello studio dei quattro maggiori esempi presenti nel nostro territorio: i Convento di Monte Senario, dei Servi di Maria, e dell'Abbazia di Vallombrosa dei Vallombrosani, in provincia di Firenze; del Monastero di Camaldoli, dell'Ordine Camaldolese, e del Convento de La Verna, dell'Ordine Francescano, in provincia di Arezzo. Le metodologie di indagine adottate sono quelle del rilievo integrato, eseguito sia con metodi di tipo tradizionale sia con le consolidate tecnologie di rilievo digitale (principalmente laser scanner 3D e fotogrammetria s.f.m.) unite alle indagini sulle stratigrafie degli elevati ed alle indagini storico documentarie. Una accurata conoscenza dei manufatti e degli edifici, nonché un quadro sul territorio e gli aspetti paesaggistici correlati, consente di dare corpo e concretizzare quanto emerge dalle indagini storiche sia a livello documentario che a livello iconografico e, quando possibile, dalle indagini archeologiche sulle stratigrafie degli elevati. Una delle finalità del metodo di indagine, oltre alla acquisizione di un elevato livello di conoscenza dei manufatti, utile base per gli interventi diagnostici e conservativi, è la maggiore consapevolezza delle principali fasi costruttive dei manufatti stessi.

Soraya Genin

Soraya Genin (1965) é arquiteta pela FAUTL (1990), mestre em Conservação Arquitetónica e Reabilitação Urbana (1995) e doutorada em Engenharia (2014) pela KULeuven. É Professora Auxiliar do ISCTE-IUL e investigadora do ISTAR-IUL. Leciona na área de Tecnologias da Arquitectura, nomeadamente em Conservação e Reabilitação de Edifícios, Fotogrametria e Métodos de Levantamento no Projeto de Conservação. As suas investigações e publicações incidem sobretudo na área da Conservação e da Construção em pedra. É autora de diversos projetos de Arquitectura e Conservação de edifícios, desenvolvidos no seio do seu atelier constituído em 1999. Membro do Conselho de Administração do ICOMOS Portugal e delegada portuguesa dos Comitês Científicos Internacionais da Pedra (ISCS) e da Teoria e Filosofia da Conservação (THEOPHILOS).

O levantamento no Projecto de Conservação

O projeto de Conservação e Reabilitação de edifícios deve partir de um levantamento rigoroso do existente. Com base na análise histórica e documental, e nos objetivos do projeto, é planeado o levantamento arquitetónico. O objetivo não é apenas a caracterização geométrica do edifício, mas também o registo dos materiais, a definição detalhada dos sistemas de construção, a interpretação da evolução construtiva, a análise de anomalias materiais e estruturais. Estes dados é que irão permitir elaborar um correto diagnóstico que fundamentam o projeto de Conservação.

De acordo com as normas internacionais de intervenção no património arquitetónico, para o levantamento de edifícios históricos prevalecem os métodos não intrusivos. A Fotogrametria é um dos métodos de levantamento recomendados e mais utilizados, pois permite grande redução do trabalho de campo e a criação de modelos tridimensionais. A restituição pode ser elaborada a qualquer momento, com o grau de rigor pretendido, podendo ser mais ou menos pormenorizada em função dos objetivos do projeto. Para o levantamento do interior das estruturas existe diversas técnicas não destrutivas, como o ultra-sons, geo-radar, termografia, etc, a utilizar antes de qualquer sondagem direta.

Apresentam-se alguns trabalhos efetuados em monumentos e edifícios históricos, que servem de base à reflexão sobre a metodologia do levantamento e do projeto de Conservação.

Luís Mateus

Licenciado em Arquitectura. Realizou doutoramento na Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa com tese intitulada “Contributos para o projecto de Conservação, Restauro e Reabilitação. Uma metodologia documental baseada na fotogrametria digital e no varrimento laser 3D terrestre”. É docente na Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa nas áreas da Geometria, Computação e Conservação. Participou e coordenou vários levantamentos arquitectónicos, no âmbito de protocolos e projetos de colaboração entre a Faculdade de Arquitectura e várias entidades externas, nomeadamente o levantamento do Arco da Rua Augusta, do Palácio de Belém, Convento de Cristo e do Palácio de Mafra. Pertence ao grupo de investigação ArchC_3D do CIAUD (Centro de Investigação em Arquitectura, Urbanismo e Design) onde desenvolve investigação relacionada com a documentação gráfica da arquitetura, em particular em contexto de Conservação e Restauro.

Fotogrametria e Varrimento Laser como instrumentos de registo e análise

A utilização de nuvens de pontos (NP) está a tornar-se um meio habitual para recolher dados geométricos e radiométricos sobre o ambiente construído. Para os que estão menos familiarizados com o assunto, uma NP é uma coleção densa de pontos a três dimensões (3D), normalmente com informação de cor associada, que podem ser observados como uma representação contínua da realidade construída se observados a uma distância adequada. NP podem ser obtidas com digitalizadores laser, com fotografias, e até mesmo com telemóveis. O uso de drones também está a tornar-se muito popular porque permitem pontos de vista que seriam difíceis de obter de outro modo. Claro que o rigor das NP depende do tipo de dispositivo que é usado, e para esse efeito, em geral os digitalizadores laser costumam ser a escolha. A vantagem do uso de NP para registar e documentar o ambiente construído advém do facto de ser um modo não intrusivo de obter informação não interpretada. A interpretação vem depois. O facto de este tipo de informação ser mais objetivo permite que um leque mais amplo de agentes possa fazer uso dela de modos até nem previstos inicialmente. Também, o grande volume de dados que é recolhido é muito útil para desenvolver vários tipos de análises que são de importância fundamental para a preservação do ambiente construído. Estamos a referir-nos à análise do estado de conservação, análise estrutural, análise estratigráfica, entre outras. Deste modo transforma-se numa fonte de conhecimento.